

Artigo para o segundo ano do curso Conflito e Sintoma

O dinheiro, suas equivalências simbólicas e seu manuseio sintomático

Por Jaques Cohen

1. Escopo

Em minha carreira, na área econômico-financeira, me deparo constantemente com a subjetividade daquilo que muitos encaram com um olhar excessivamente objetivo. O dinheiro.

A partir disso, optei por falar neste texto sobre as equivalências que este elemento pode vir a ter ou adquirir. Com foco no campo simbólico e de um ponto de vista psicanalítico.

Para isso, tomaremos, como ponto de partida, a história de um homem de 42 anos.

Cabe, antes de continuar, ressaltar que trago informações relatadas a partir de minha memória pessoal. Como o episódio já data em quase 5 anos, a mesma mostra-se razoavelmente limitada e está ainda mais sujeita as suas próprias distorções.

Para além da menção à história deste homem, no transcorrer do texto, a ideia é levantar diferentes considerações simbólicas, sejam elas relacionadas ou não ao mesmo.

2. Um exemplo para introduzir o assunto

O homem em questão, procurou os serviços de orientação financeira de uma escola, que oferecia atendimento gratuito feito por duplas de alunos da área. Eu era um dos dois alunos que receberam a ele e a sua esposa, realizando esse atendimento em conversa única.

O homem trazia consigo o desejo manifesto de tornar-se independente financeiramente, passando a viver com o recebimento de juros, a título de renda.

Trazia também uma história marcada - e algumas dessas marcas se faziam visíveis com pouca observação. A começar por um aparelho para audição, que passa a ser utilizado após um episódio de infarto cardíaco. O episódio teria acontecido aos 34 anos, após dedicação aparentemente obsessiva a prática de musculação.

A característica obsessiva parecia ser um traço marcante ao longo de toda narrativa e história.

A dedicação ao trabalho e o controle das finanças, não fugiam a esta tendência.

O homem era dentista por profissão. Era proprietário e administrava um consultório de médio porte, no qual diversos dentistas atendiam. Não tinha e nem pretendia ter filhos. Seu pai estava em vida. Ao passo que a mãe havia falecido 3 meses antes da ocasião do atendimento.

Apesar disso, a mãe aparecia pouco em seus relatos, enquanto o pai parecia ser uma referência forte, de alguém que aproveitava a vida como ele não sabia aproveitar.

Acrescente-se aí que o discurso do homem, assim como a atitude em relação a esposa, sugeriam algum desprezo em relação ao feminino.

3. A questão financeira

Após breve diagnóstico, chegamos à constatação de que a família possuía um patrimônio de, ao menos, 7 milhões de reais. Enquanto os gastos mensais não passavam de 10 mil.

Estes são valores que já configuram a rara situação de 'independência financeira', levando em conta investimentos conservadores, inflação e impostos. E diante dessa breve constatação, se fizeram mais evidentes algumas perguntas que já vinham ecoando ao longo do atendimento.

De que tipo de independência este homem realmente estava falando? Porque não podia se ver 'independente financeiramente' se a realidade objetiva assim se revelava? Quais eram as verdadeiras questões que trazia?

Tanto pela brevidade do contato, como pela distância temporal, me faltam informações e profundidade para uma análise mais cuidadosa e justa destas questões - a começar pela origem do dinheiro desta família, passando pelos conflitos e pelas marcas das relações envolvidas.

De qualquer forma, apesar deste ser um caso extremado, ele nos mostra o tanto que sintomas neuróticos podem revelar conflitos no campo dos afetos e da sexualidade - a partir das equivalências simbólicas do dinheiro.

4. Dinheiro e psicanálise

É digno de nota o uso de termos muito afins no universo financeiro e no universo psicanalítico.

Investimentos; depósitos; dívidas; saques; poupanças; transferências.

Podemos dizer que isso acontece porque Freud considera a energia psíquica de um ponto de vista quantitativo – que denotaria a dimensão econômica da psique.

Ou seja, a libido pode ser entendida como uma energia que é – mais ou menos - depositada, investida, retirada, transferida de um objeto. Energia que se faz necessária, que falta, que excede, como um recurso econômico.

Já do ponto de vista qualitativo, podemos destacar a equivalência que Freud propõem entre dinheiro, pênis, fezes e bebê.

Constemos que destes 4, o dinheiro é o único que não é produto direto do corpo – não é parte dele e nem é produzido dentro dele. A importância dada à relação com o dinheiro na teoria psicanalítica não pode, portanto, ser subestimada.

Por ser utilizado como forma de valorar atividades dentro de uma sociedade, o dinheiro confere alicerces que podem estar presentes na forma como o indivíduo se enxerga, no seu Ideal do Eu e nas decisões que serão tomadas em seu cotidiano.

De certa forma, ao servir como parâmetro de valoração social, esse elemento governa decisões importantes que serão tomadas durante a nossa trajetória.

Além disso, o dinheiro expressa limites para a realização do desejo. Assim, muitas vezes, ele pode ser o elemento que chama o sujeito à realidade – que se mostra dura na maioria das vezes.

Seguiremos, então, com a exploração de suas equivalências, com destaque especial para o equivalente das fezes.

4.1 Fezes

A equivalência entre dinheiro e fezes pode ser compreendida pelas características da fase anal de desenvolvimento da criança. Nesta fase, ao retirar-se o uso das fraldas, a criança passa a ser responsável por segurar as fezes e evacuá-las no momento adequado. Assim, se vê diante de um conflito ante respeitar – ou não - aquilo que foi imposto como adequado socialmente, postergando seu prazer.

O controle anal das fezes teria equivalência, portanto, ao controle aplicado no uso do dinheiro. Em alguns momentos opta-se por reter (fezes ou dinheiro), em outros opta-se por relaxar e permitir a vazão.

Mas, para além de reter as fezes à título de dar vazão em um momento mais adequado, o bebê pode também retê-las exatamente quando lhe é permitido evacuar.

A recusa a defecar no momento adequado pode ser interpretada como a recusa em presentear os pais – devido ao ressentimento pelo que lhe foi infligido. Ou seja, “ não lhe farei tal concessão já que me sinto ressentido”

Da mesma forma, a vazão no momento adequado pode ser vista como um presente que é dado em nome do amor aos pais e cuidadores. “Tome minha produção, vocês merecem que eu faça agora, como me pedem, pois eu amo vocês.”

Assim, o ‘gastar dinheiro’ pode ser relacionado tanto à capacidade de passar por cima de ressentimentos para amar e receber amor, quanto à recusa em aceitar as frustrações que a realidade impõe.

Já o ‘guardar dinheiro’ pode ser relacionado a manter-se ressentido, negando-se a presentear a alguém na troca; retendo tudo para si. De outro lado, a atitude pode demonstrar capacidade de lidar com a realidade e aceitar frustrações.

Ainda sobre o *guardar* e o *gastar*, poderiam também relacionar-se à dificuldade de lidar com algo que é percebido como uma perda e uma falta (portanto guardo) ou como um excesso (portanto gasto).

Ou seja, tanto o gastar e o guardar estariam relacionados com as capacidades de amar e de lidar com a realidade, assim como com faltas e excessos. Não se fazendo verdadeiro, porém, um reducionismo simplista que chegue a conclusões como: “gastar é amar”, “não gastar é não amar”, “gastar é não lidar com a realidade”, “não gastar é lidar com a realidade”. Já que, da mesma forma, os próprios contrários destas conclusões poderiam se fazer verdadeiros.

Os afetos, o percurso, a história de cada indivíduo são únicos, assim como o contexto em que vivem e as situações pelas quais passam.

Dito isso, convém também olhar para além do *guardar*. Receber dinheiro, depositar, transferir... Todas essas são trocas que podem envolver questões semelhantes – e outras.

Ainda em relação as fezes, estas também são vistas pela criança como sua primeira produção própria. Em um estágio onde buscam compreender de onde vêm os bebês, uma das teorias mais notáveis que a criança pode criar é a de que esse surgimento se dá no ato de defecar [teoria cloacal].

Assim, à medida que estivermos falando de um dinheiro cuja origem foi o próprio trabalho, a equivalência dinheiro-fezes pode se estabelecer também aí.

O aspecto sujo das fezes é outro ponto de ligação que se faz notar. Seja pela sujeira que se faz passar na troca de mãos em mãos ou pelas conotações degenerativas pelas quais entendemos o dinheiro - aquele que não traz felicidade; aquele explora através de relações de poder; aquele que faz as pessoas colocarem o amor em segundo plano.

4.2 Castração e pênis

Apesar da frustração de submeter-se às regras sociais a partir da retirada da fralda não ser entendida como uma castração primária, Freud entende que esse momento, pode ser compreendido, a posteriori, também como uma castração.

Ou seja, mesmo quando falamos pela via da equivalência às fezes, podemos notar como o manejo do dinheiro envolve o complexo de castração.

Nesse ponto, cabe então falar de dinheiro como um fator de potência com equivalência ao pênis. Um apêndice que é oferecido em relações de troca.

Tanto o dinheiro quanto o pênis seriam instrumentos que realizam o ato, que possibilitam ativamente que essa relação aconteça.

Tanto o dinheiro quanto o pênis seriam aquele por cujo tamanho se compete. Conferem status social. Por isso, seriam invejados e desejados.

Por fim, enquanto o dinheiro entra na carteira ou na conta bancária, o pênis entra na vagina ou em um orifício.

Talvez seja melhor dito que o dinheiro possua característica fálica. Compreendendo o fálico como simbólico do órgão masculino em ereção, investido de potência.

4.3 Bebês e outra equivalências

Dentro de uma estrutura e ótica patriarcal, o dinheiro também pode ser considerado equivalente ao bebê que a mulher traz ao dar à luz.

Neste contrato, que vigorava e ainda vigora em muitas famílias, o homem traz o dinheiro para a casa; a mulher traz o bebê – e estabelece-se aí uma equivalência.

O bebê também é visto e sentido como algo que confere poder à mulher, lhe dando sensação de completude e autoridade. Possui característica fálica, assim como o dinheiro.

Nessa linha de raciocínio, também se mostram importantes, então, as equivalências existentes entre fezes, pênis e bebê, mesmo quando não olhamos para o dinheiro [fezes-pênis; fezes-bebê; pênis-bebê].

Por uma questão de foco, seguiremos sem maior aprofundamento nestas.

Cabe também, antes de prosseguir, assinalar o que as equivalências que o dinheiro pode adquirir na psique não precisam se restringir e se engessar nestes 3 elementos.

Por mais que existam códigos que se repitam e pilares que dão alicerce à teoria, a psicanálise é, por definição, particular em sua essência. Portanto, o dinheiro pode adquirir conotações infinitas nas mais distintas psiques, cada qual de acordo com a sua história.

5. Dinheiro, neurose obsessiva e o ‘homem dos ratos’

A partir dessas equivalências, podemos nos perguntar quais funções psíquicas passam pelo manejo do dinheiro.

Um caso clínico que se destaca aí é ‘O homem dos ratos’. Nele, Freud adentra sintomas neuróticos obsessivos de um homem.

Os sintomas ilustram como as equivalências simbólicas podem afetar a relação do indivíduo com o dinheiro.

O paciente do caso se via diante de sintomas obsessivos que se deram, entre outros, quando ele escuta sobre casos de tortura nos quais se enfiavam ratos nos anus das vítimas.

Através da livre associação e da análise que se transcorre, chega-se ao ponto no qual se compreende que o homem imaginava estes ratos nos anus de sua amada e de seu pai – e que tratava como equivalentes dinheiro, ratos e pênis.

Com isso, passou a recriminar-se, então, criando uma série de rotinas que se impunha a realizar.

Muitas dessas rotinas envolviam trocas de dinheiro – ou o receio em realizá-las. Afinal, se ratos equivalem a pênis, e pênis equivale a dinheiro, trocas financeiras passam a ser percebidas pelo inconsciente como um ato sexual.

O que se observa, ao fundo, é um conflito que se revela diante de seu próprio desejo e de sua própria agressividade - deslocado para o receio em realizar uma operação financeira.

6. Hipóteses

Voltando do caso dos ratos ao exemplo exposto na introdução deste ensaio, podemos conjecturar a respeito dos desejos que o homem [dentista] temia serem realizados caso usufrísse de sua independência financeira.

Obviamente não se pode tomar os casos como idênticos, mas a passagem por algum desejo sexual - e pela repressão - são contribuições que a psicanálise pode trazer.

Poderíamos, assim, traçar diversas hipóteses e explorar os afetos envolvidos à luz das possíveis marcas de um complexo de Édipo. Porém o contato com o indivíduo em questão é relativamente breve – e o exercício correria o risco de ser demasiadamente especulativo.

De todo modo, para além de objetos de escolha libidinal e de rivalidades envolvidas na vida infantil ou adulta, o que se coloca são sentimentos, desejos, atração. E uma provável agressividade não permitida – que passa por uma castração.

O que se faz central na relação deste homem com o dinheiro é um jogo de forças muito rígido. Jogo que o impede de usufruir daquilo que gostaria e que, ao mesmo tempo, encontra uma saída neurótica para seus conflitos.

7. Dos extremos para o cotidiano

Em toda sua obra, Freud percorre o patológico como forma de compreender o metapsicológico.

Da mesma forma, os casos apresentados, mesmo que demonstrem extremos, servem para nos aproximar das forças que estão por trás do manejo do dinheiro e das trocas econômicas que realizamos.

Fica evidente, portanto, que fixações, libido e afeto se fazem notar em um caráter avaro, ambicioso, gastador ou outro.

Assim, não é à toa que o dinheiro ganha, também, grande importância na relação de transferência entre analista e analisando. Assunto que mereceria outro texto por si só.

Dinheiro e psicanálise são uma intersecção que jamais se esgota. E enquanto desejos como o de uma 'independência financeira' significarem 'independência de conflito', estaremos falando de libido e emoções quando falarmos de dinheiro.

Ou seja, sempre – já que, por mais que se tenha recursos para administrá-lo, o conflito nunca se faz ausente por completo.

O que se vê é que as questões que envolvem o manejo do dinheiro podem ser, portanto, uma porta de entrada para a análise.

Referência bibliográficas

FREUD, Sigmund. A interpretação dos Sonhos (1900). Edição Imago, 1996. Obras completas de Sigmund Freud Volume 1.

FREUD, Sigmund. Cinco Lições de Psicanálise(1910). Edição Companhia das Letras, 2013. Obras completas de Sigmund Freud Volume 9.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id (1923); A organização genital infantil (1923); A dissolução do complexo de Édipo (1924). Edição Companhia das Letras, 2013. Obras completas de Sigmund Freud Volume 16.

KLEIN, Melanie. Nosso mundo adulto e suas raízes na infância (1959). Texto original.